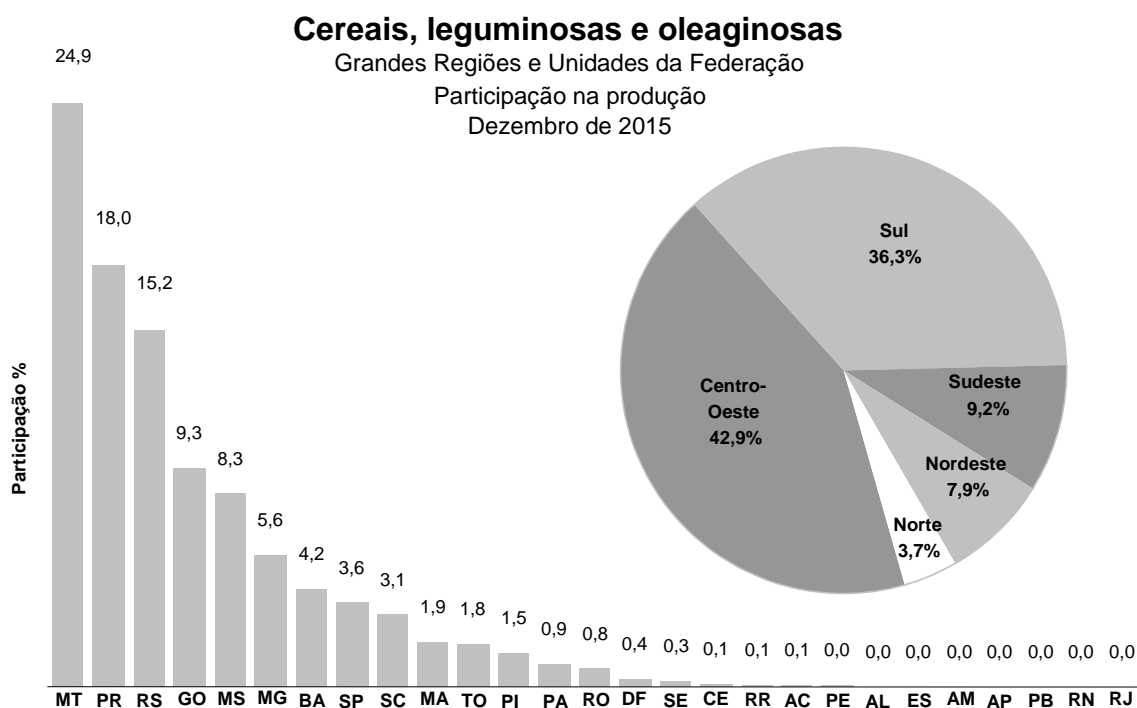


# 1 – Produção Agrícola 2015

## 1.1- Cereais, leguminosas e oleaginosas

A décima segunda estimativa de 2015 para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas<sup>1</sup> totalizou 209,5 milhões de toneladas<sup>2</sup>, 7,7% superior à obtida em 2014 (194,6 milhões de toneladas) e menor 746.519 toneladas (-0,4%) que a avaliação de novembro. A estimativa da área a ser colhida é de 57,7 milhões de hectares, apresentando acréscimo de 1,8% frente à área colhida em 2014 (56,7 milhões de hectares) e redução de 14.711 hectares em relação ao mês anterior (-0,0%). O arroz, o milho e a soja são os três principais produtos deste grupo, que somados representaram 93,1% da estimativa da produção e responderam por 86,3% da área a ser colhida. Em relação ao ano anterior, houve acréscimos de 6,1% na área da soja, 0,8% na área do milho e na área de arroz houve redução de 8,4%. No que se refere à produção, houve acréscimos de 1,1% para o arroz, 11,9% para a soja e de 7,3% para o milho.

Entre as Grandes Regiões, o volume da produção de cereais, leguminosas e oleaginosas apresentou a seguinte distribuição: Centro-Oeste, 89,9 milhões de toneladas; Sul, 76,0 milhões de toneladas; Sudeste, 19,3 milhões de toneladas; Nordeste, 16,6 milhões de toneladas e Norte, 7,7 milhões de toneladas. Comparativamente à safra passada, foram constatados incrementos de 22,1% na Região Norte, de 5,4% na Região Nordeste, 5,0% na Região Sudeste, 7,0% na Região Sul e 8,3% na Região Centro-Oeste. Nessa avaliação para 2015, o Mato Grosso liderou como maior produtor nacional de grãos, com uma participação de 24,9%, seguido pelo Paraná (18,0%) e Rio Grande do Sul (15,2%), que somados representaram 58,1% do total nacional previsto.



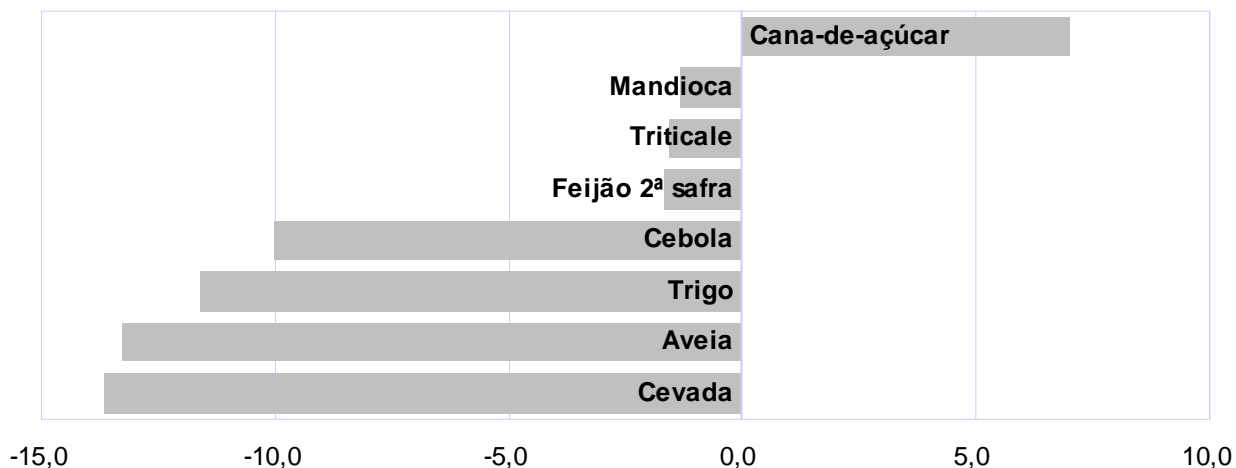
<sup>1</sup> Produtos: algodão herbáceo (caroço de algodão), amendoim (em casca), arroz (em casca), feijão (em grão), mamona (em baga), milho (em grão), soja (em grão), aveia (em grão), centeio (em grão), cevada (em grão), girassol (em grão), sorgo (em grão), trigo (em grão) e triticale (em grão).

<sup>2</sup> Em atenção a demandas dos usuários de informação de safra, os levantamentos de Cereais, leguminosas e oleaginosas foram realizados em estreita colaboração com a Companhia Nacional de Abastecimento - Conab, órgão do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, continuando um processo de harmonização das estimativas oficiais de safra, iniciado em outubro de 2007, das principais lavouras brasileiras.

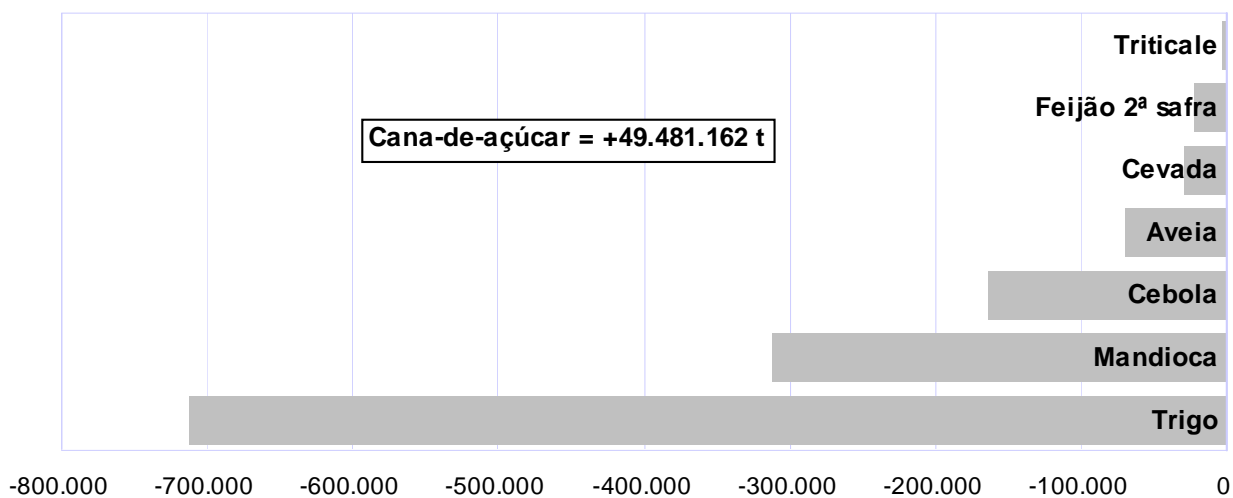
## 1.2 - Estimativa de dezembro em relação a novembro

No Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de dezembro destacaram-se as variações nas seguintes estimativas de produção, comparativamente ao mês de novembro: cana-de-açúcar (+7,0%), mandioca (-1,4%), triticales (-1,5%), feijão 2ª safra (-1,7%), cebola (-10,0%), trigo (-11,6%), aveia (-13,3%) e cevada (-13,7%).

**Varição percentual da produção - comparação dezembro / novembro 2015 - Brasil**



**Varição absoluta da produção (t) - comparação dezembro / novembro 2015 - Brasil**



**CANA-DE-AÇÚCAR** – O último levantamento da produção realizados pelo IBGE em São Paulo revelou números mais positivos para a produção do País. O Estado é o maior produtor e responsável por 55,1% do total da produção nacional. O GCEA/SP informou aumento de 13,7% na produção em relação ao mês anterior, com crescimentos de 10,9% na área plantada e de 11,8% na área a ser colhida, bem como aumento de 1,7% no rendimento médio, que alcançou 76.216 t/ha.

Assim, a estimativa da produção de cana-de-açúcar do País deve alcançar 755 milhões de toneladas, crescimento de 7,0% frente ao mês anterior, com aumento de 5,9% na área a ser colhida e de 1,1% no rendimento médio. Uma melhor distribuição das chuvas ocorrida em 2015, quando comparada a 2014, nas principais regiões produtoras e a recomposição do preço do álcool, aumentando a rentabilidade das destilarias e, conseqüentemente, incentivando aumento dos investimentos nos canaviais, foram os principais responsáveis pela retomada do segmento e pelo aumento da oferta de cana nas usinas.

**CEBOLA** – É registrada nova redução na produção nacional de cebola. Espera-se 10,0% a menos de cebola no mercado nacional advindo dos produtores internos. Ao todo, a produção estimada é de 1,5 milhão de toneladas. O maior influenciador desta queda é o rendimento médio da região Sul que registra declínio de 15,6%, fazendo com que o rendimento médio nacional contraia em 8,1%.

A região Sul é responsável por 48,1% da produção nacional de cebola. Estima-se que desta região advirá 703,3 mil toneladas de cebola, 18,5% a menos que o estimado em novembro. Neste mês de dezembro foi registrada redução da área plantada (-0,2%), da área colhida (-3,4%) e do rendimento médio (-15,6%). A queda da área colhida é resultado do excesso de chuva que assolou os principais municípios produtores de cebola desta região.

As dificuldades climáticas enfrentadas por Santa Catarina desde o início dos plantios influenciaram negativamente a produção. As chuvas intensas desde o mês de junho, em especial nos meses de setembro e outubro, fizeram com que o rendimento médio estimado deste Estado se reduzisse em 22,9%, em comparação com o mês de novembro. A produção esperada é de 426,9 mil toneladas, 27,2% menor que o estimado no mês anterior.

**FEIJÃO (em grão)** – A produção de feijão nacional fecha o ano com estimativa de 3,1 milhões de toneladas, 1,1% a menos que o estimado em novembro. Este dado negativo advém, principalmente, dos dados de feijão primeira e segunda safra da região Nordeste. Com plantio de feijão realizado em meses posteriores ao restante do Brasil, a região Nordeste ainda trás alterações em suas estimativas de primeira e segunda safra.

Estima-se que a região Nordeste foi responsável por 28,3% da produção nacional da **primeira safra** de feijão. O recuo de 2,6% na produção desta região influenciou a estimativa nacional de feijão em primeira

safra, fazendo com que esta reduzisse em 0,9%. Ao todo é estimada produção de 380,4 mil toneladas na região Nordeste e 1,3 milhão de toneladas de feijão no País, em primeira safra.

Dentre os estados do Nordeste, Ceará é o que trouxe maiores variações em seus números a respeito da primeira safra. O GCEA/CE estima que a seca severa que assolou o plantio de feijão foi responsável pela redução do rendimento médio em 11,7% e pela perda de 2,4% da área que se esperava colher. O reajuste da estimativa da produção é menor em 14,0% quando comparado ao mês anterior. Estima-se que foram produzidas no estado 63,2 mil toneladas de feijão.

Os dados de **segunda safra** mostram redução de 1,7% na estimativa da produção nacional. O total esperado de feijão nesta safra é de 1,3 milhão de toneladas. Nesta safra a região Nordeste foi responsável por 21,8% da produção nacional. O recuo de 6,0% na produção nordestina fez com que a produção nacional em segunda safra fosse reduzida em 1,7%.

As alterações feitas pelo GCEA/PE foram as principais responsáveis pela menor produção no Nordeste. Estima-se redução de 34,6% na produção na comparação com o mês anterior. O rendimento médio e a área colhida foram reduzidos em 19,3% e 19,1%, respectivamente. A estimativa de produção é de 31,0 mil toneladas. A falta de chuva durante o período de plantio e desenvolvimento da cultura foi o principal responsável pela queda na produção do estado pernambucano.

**MANDIOCA (em raízes)** – A estimativa da produção de mandioca do País alcançou 22,8 milhões de toneladas em 2015, retração de 1,4% em relação ao mês anterior. A área plantada e a área colhida caíram 1,3% e 1,0%, respectivamente, enquanto o rendimento médio caiu 0,4%.

A informação do mês foi influenciada, principalmente, pelo Paraná, tendo o GCEA/PR confirmado redução de 9,3% na área plantada e na área colhida, com a produção sofrendo retração de 7,3% frente ao mês anterior. Como o Estado é o segundo principal produtor do País, participando com 17,2% do total nacional, essa retração representou 309.216 toneladas a menos em relação à estimativa de novembro de 2015. Os produtores, prejudicados com a defasagem da cotação da tonelada de raízes, têm restringido investimentos em novas lavouras, em tratamentos culturais, bem como, provocando o atraso da colheita, quando possível, à espera de uma melhora dos preços, que este ano não houve.

Com produção destinada ao consumo interno, no Ceará e em Pernambuco, a estimativa da produção caiu 16,4% e 3,7%, respectivamente, com o rendimento médio sendo reajustado negativamente em 17,3% e 1,2%, respectivamente. As lavouras ressentiram o clima, que continuou muito seco nesse final de ano.

**CEREAIS DE INVERNO (em grãos)** – A estimativa da produção do **trigo** do País voltou a cair em dezembro em função do excesso de chuvas no final do ano na região Sul. No Paraná, a estimativa da produção foi reduzida em 2,8% pelo GCEA/PR, enquanto que em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, as perdas alcançaram 35,3% e 26,9%, segundo os GCEAs desses

respectivos estados. Essas perdas concentraram-se mais na redução dos rendimentos médios, influenciados, principalmente, pelo excesso de umidade nas lavouras, que acarretou aumento de incidência das doenças fúngicas e dificultou a colheita das panículas. Outro problema relatado foi a queda da qualidade dos grãos, que deve dificultar a colocação dessa produção em mercados mais exigentes.

A estimativa da produção da **aveia** foi reduzida em 13,3% em dezembro, em relação ao mês anterior. O País deve produzir 453,0 mil toneladas desse cereal em 2015. No Paraná, as perdas foram de 2,9%, enquanto que em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, as quedas alcançaram 43,1% e 15,4%, respectivamente. O excesso de chuvas foi a principal causa dessas perdas.

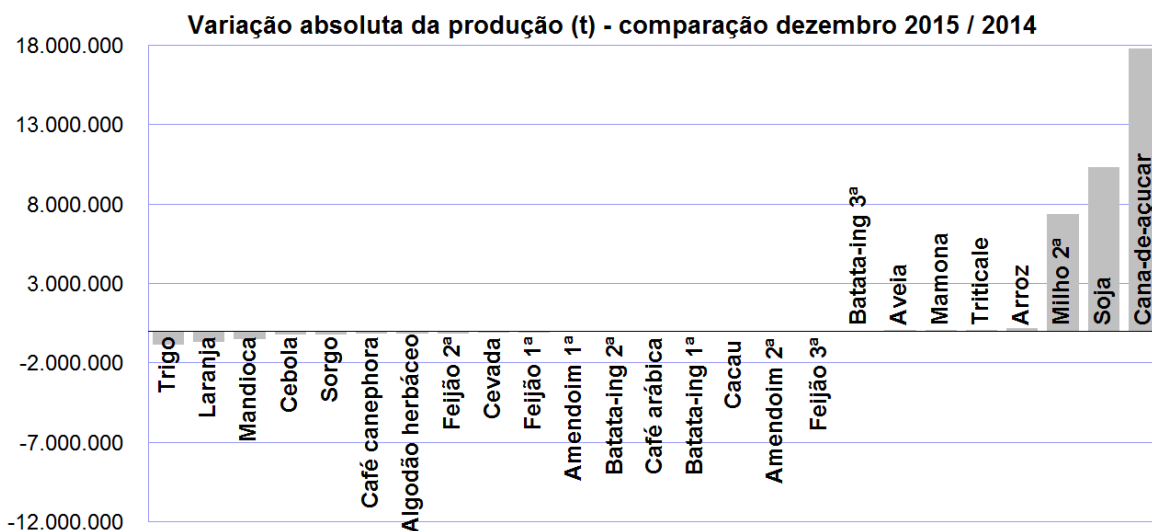
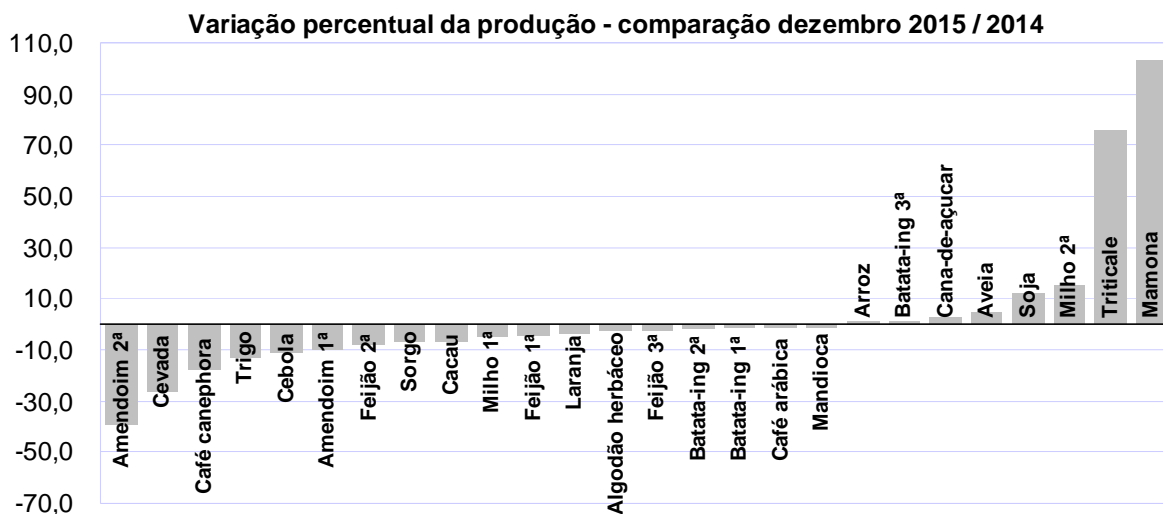
Para a **cevada**, a produção esperada é de 185,0 mil toneladas, queda de 13,7% em relação ao mês anterior, com perdas maiores no Rio Grande do Sul (-34,9%) e Santa Catarina (-25,6%). No Paraná, maior produtor desse cereal e responsável por 71,0% do total nacional, as perdas informadas pelo GCEA/PR foram de 1,3%. O excesso de chuvas é apontado como o principal responsável por essa queda na estimativa de produção.

Para o **triticale**, a produção esperada apresentou queda de 1,5% em relação ao mês anterior, devendo a produção alcançar 91,0 mil toneladas. A queda reflete as perdas no Rio Grande do Sul, tendo o GCEA/RS informado uma estimativa de produção 20,0% menor.

### **1.3 - Estimativa de dezembro em relação à produção obtida em 2014**

Dentre os vinte e seis principais produtos, oito apresentaram variação percentual positiva na estimativa de produção em relação ao ano anterior: arroz em casca (1,1%), aveia em grão (4,8%), batata - inglesa 3ª safra (1,6%), cana-de-açúcar (2,4%), mamona em baga (103,1%), milho em grão 2ª safra (15,0%), soja em grão (11,9%) e triticale em grão (75,6%). Com variação negativa foram dezoito produtos: algodão herbáceo em caroço (2,7%), amendoim em casca 1ª safra (10,2%), amendoim em casca 2ª safra (38,8%), batata - inglesa 1ª safra (1,2%), batata - inglesa 2ª safra (2,0%), cacau em amêndoa (6,7%), café em grão - arábica (1,1%), café em grão - canephora (17,3%), cebola (11,2%), cevada em grão (26,4%), feijão em grão 1ª safra (4,5%), feijão em grão 2ª safra (7,9%), feijão em grão 3ª safra (2,4%), laranja (3,9%), mandioca (2,1%), milho em grão 1ª safra (4,8%), sorgo em grão (7,1%) e trigo em grão (13,4%).

Nas figuras a seguir, estão representadas as variações percentuais e absolutas das principais culturas levantadas em comparação com a safra anterior:



**CANA-DE-AÇÚCAR** – Após um 2014 ruim, quando a produção de cana-de-açúcar do País retraiu 4,0% frente a 2013, em função, principalmente, de preços pouco rentáveis do álcool e do açúcar e de um ano muito seco e quente nas principais regiões produtoras do Centro-Sul; no ano de 2015, a estimativa da produção apresentou uma recuperação, devendo alcançar 755 milhões de toneladas, crescimento de 2,4% em relação a 2014. A área plantada e a área a ser colhida apresentaram retrações de 3,2% e 1,5%, respectivamente, enquanto o rendimento médio aumentou 3,9%, fruto de maiores investimentos e de um ano mais chuvoso.

Reajustes de área plantada e a ser colhida nos principais estados produtores podem estar relacionados com o processo de mecanização da colheita da cana, em função da necessidade da realocação de lavouras que se encontram estabelecidas em locais mais afastados das usinas e, portanto, menos viáveis para o plantio

do ponto de vista econômico ou de topografia mais acidentada, problemática e que inviabilizam economicamente a entrada de máquinas mais pesadas.

Os destaques, da recuperação da produção de cana-de-açúcar, em termos de volume de produção em 2015, frente a 2014, foram São Paulo, que apresentou incremento de 14,6 milhões de toneladas em relação ao ano anterior; Mato Grosso do Sul, com incremento de 7,2 milhões de toneladas e Paraná, com incremento de 3,3 milhões de toneladas.

**CEBOLA** - Mesmo em um ano de preços recordes para os cebolicultores brasileiros, o ano de 2015 foi marcado pela queda de 11,2% da produção nacional de cebola. Para abordar o atípico ano de 2015 é necessário entender o motivo da alta dos preços e o motivo da queda de produção.

O ano se iniciou com a queda da produção no sul do País e com a quebra de safra de cebola na Argentina, principal exportador de cebola para o Brasil. A necessidade de manter o fornecimento de cebola no mercado interno fez com que importadores trouxessem cebola da Europa. Pela primeira vez as importações a partir do velho continente foram maiores que as importações argentinas. Os altos custos de importação a partir da Europa foram repassados aos consumidores fazendo os preços dispararem em território nacional e elevarem o Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA), índice oficial de inflação no País.

A baixa oferta foi agravada pela queda de 19,0% da produção na Bahia. O estado sofreu com a falta de chuva que reduziu o rendimento em 16,4%. Neste Estado foram colhidos 261,7 mil toneladas de cebola. Este foi o primeiro motivo da queda de produção nacional.

A baixa oferta de cebola observada no primeiro semestre de 2015 fez os preços dispararem no segundo semestre. Segundo Cepea/SP, os preços em julho deste ano atingiram R\$ 3,45 por quilo, o mais elevado patamar desde 2000.

Os principais estados beneficiados com a elevação do preço da cebola foram Goiás e Minas Gerais, pois possuem época de colheita no início do segundo semestre e puderam aproveitar a alta dos preços.

**FEIJÃO (em grão)** – Após ano de 2014 ofertando baixos preços aos produtores de feijão, estes se sentiram desestimulados para o plantio da cultura no ano de 2015. A **primeira safra de feijão**, que representou 43,2% da produção total de feijão, abriu a temporada de plantio da cultura com redução de 4,5% da expectativa de produção, quando comparada ao mesmo período de 2014. A estimativa da área plantada também foi reduzida, foram 5,2% a menos que o ano anterior. O total estimado de produção foi de 1,3 milhão de toneladas.

Com exceção ao Centro-Oeste, todas as outras regiões brasileiras tiveram redução da área plantada durante a primeira safra. As reduções de áreas foram de 18,9% na região Sul, 9,2% na região Sudeste, 0,6% na região Nordeste e de 11,8% na região Norte. A alta na área plantada estimada para o Centro-Oeste foi de

5,9%. O acréscimo de área no Centro-Oeste e na Bahia pode ser explicado pela época de plantio posterior às demais regiões. Os produtores baianos e os do Centro-Oeste começam o plantio a partir de novembro, época esta que os preços já se encontravam em ascensão, enquanto que os demais produtores iniciam o plantio a partir de agosto/setembro de 2014.

Durante a primeira safra, os principais estados produtores foram Paraná com 332,2 mil toneladas produzidas, Bahia com 239,5 mil toneladas produzidas e Minas Gerais com 162,0 mil toneladas produzidas. Paraná e Minas Gerais reduziram as suas produções em 18,3% e 20,0%, respectivamente. O principal responsável pela redução da produção paranaense foi a diminuição da área plantada em 19,5%. Minas Gerais teve tanto a área plantada reduzida (-12,3%), quanto o rendimento médio (-7,5%), devido aos baixos preços pagos aos produtores no momento de plantio quanto à seca que ainda assolava o estado. O estado baiano obteve uma boa primeira safra. A produção foi elevada em 152,6% devido ao aumento de área plantada (+18,9%), mas, principalmente, à recuperação do rendimento médio (+73,2%), devido ao clima mais favorável em comparação ao ano de 2014.

A baixa oferta de feijão durante a primeira safra aliada com o atraso da colheita desta safra mais o baixo estoque de feijão, visto que este é um produto bastante perecível e não forma estoques reguladores, fizeram com que os preços pagos ao produtor fossem positivamente ajustados a partir de dezembro de 2014. Porém, nem mesmo os preços acima de R\$ 130,00 para a saca de 60 quilos do feijão carioca fizeram os produtores mudarem de idéia quanto à redução da área plantada para o plantio da **segunda safra**. Mesmo com preço elevados, os produtores tiveram que enfrentar a elevação do custo de produção. O período de compra de insumos para a segunda safra coincidiu com o início da elevação brusca do dólar, o que saturou ainda mais os produtores que já tinham custos elevados, principalmente no que se tange o combate da mosca branca.

A segunda safra representou 42,0% de total de feijão produzido no País. Nesta safra foi estimada produção de 1,3 milhão de toneladas de feijão, 7,9% a menos que em 2014. Mesmo o bom rendimento desta safra 1.161 kg/hectare, 6,9% a mais que no ano anterior, não foi capaz de impedir que a redução de 12,0% da área plantada influenciasse negativamente a produção.

Novamente a redução de área plantada foi observada em todas as regiões, com exceção ao Centro-Oeste, para a segunda safra de feijão em grão. As reduções das áreas plantadas foram de: 18,3% no Sul, 15,2% no Sudeste, 14,8% no Nordeste e 8,4% no Norte. Centro-Oeste elevou a sua área plantada em 5,5%.

Os principais estados produtores de feijão desta temporada seguem a mesma ordem da primeira safra, sendo, Paraná com 30,1% da produção, Bahia com 15,0% da produção e Minas Gerais com 12,1% da produção. Todos estes estados apresentaram queda na sua produção quando comparado com 2014. Paraná obteve produção total de 392,1 mil toneladas, menor 2,5%. Bahia teve produção de 196,2 mil toneladas, 25,0% a menos que no ano anterior. A produção de Minas Gerais foi de 157,4 mil toneladas, 4,8% menor que em 2014.

A **terceira safra** manteve a tendência de queda de produção e área plantada. Foram produzidos 461,0 mil toneladas, 2,4% menor que em 2014.



A principal região produtora de terceira safra, Sudeste, manteve produção praticamente estável com relação ao ano de 2014. A redução de 5,6% da área plantada foi compensada pelo acréscimo de 5,7% no rendimento médio. Nesta região o total produzido foi de 246,3 mil toneladas.

Minas Gerais é o principal produtor nacional de terceira safra. Foram produzidos 190,0 mil toneladas. Este valor é 7,4% menor que o apresentado no ano anterior. A redução de 10,4% na área plantada foi o principal responsável pela queda da produção estadual.

**MANDIOCA (em raízes)** – Com preços defasados ao longo de todo o ano, a estimativa da produção de mandioca do País alcançou 22,8 milhões de toneladas, queda de 2,1% em relação ao ano anterior. A área plantada e a área a ser colhida no ano caíram 21,0% e 4,7%, respectivamente, tendo o rendimento médio aumentado 2,7%.

Com exceção da região Centro-Oeste, onde houve crescimento de 5,6% da estimativa da produção em 2015, em relação a 2014, nas demais regiões foram observadas retrações na produção: Nordeste (-6,3%), Sudeste (-1,9%), Sul (-1,7%) e Norte (-0,8%).

As estimativas da produção da mandioca no Norte do País em 2015 alcançaram crescimento de 7,9% em Rondônia, 36,7% em Roraima e 21,0% no Tocantins e queda nos demais estados tradicionalmente mais importantes, em termos de volume de produção, como Pará (-1,8%), principal produtor do País e responsável por 21,2% do total nacional, Acre (-7,6%) e Amazonas (-1,7%).

No Nordeste, a produção da mandioca enfrentou mais um ano de seca, havendo retração de 8,5% no Maranhão, 25,0% no Ceará, 8,9% no Rio Grande do Norte, 3,1% na Paraíba, 8,6% em Sergipe e 13,0% na Bahia. Crescimento da produção foi observado apenas no Piauí (51,9%), Pernambuco (31,8%) e Alagoas (18,0%). Da mesma forma que no Norte, no Nordeste, os estados mais tradicionais na produção de raízes, como Bahia e Maranhão, informaram as maiores retrações em termos de volume de produção.

Na região Sudeste, houve retração da produção no Espírito Santo e no Rio de Janeiro, 13,6% e 20,0%, respectivamente, havendo, contudo, aumento de 1,0% da produção em São Paulo, importante centro de produção da raiz e responsável por 5,8% do total colhido pelo País.

Na região Sul, a queda da produção alcançou 1,7% frente ao ano anterior, com destaque para o Paraná, que, apesar do GCEA/PR ter informado uma retração de apenas 1,0% frente ao ano anterior, também informou quedas de 24,9% na área plantada e de 9,7% na área a ser colhida, tendo o rendimento médio compensado parte dessa perda, em função de ter aumentado 9,6% e alcançado 27.600 kg/ha. O Estado é o segundo maior produtor do País, respondendo por 17,2% do total colhido.

Apesar desses números, a crise por que passa o setor de fécula e farinha de mandioca do País tem sido flagrante em função da grande oferta de raízes que predominou durante todo o ano de 2015,

influenciando negativamente o preço da tonelada de raízes que se encontra em patamares próximos a R\$200,00 a tonelada, valor considerado baixo pelos produtores. Dessa forma, o aumento no rendimento médio nos estados do Centro-Sul parece estar ligado mais ao adiamento da colheita, na espera da reação dos preços, que na melhoria dos tratamentos culturais, pois as lavouras com 24 meses no campo produzem um maior volume de raízes do que as que ficam menos de um ano.

**CEREAIS DE INVERNO (em grãos)** – Pelo segundo ano consecutivo, a produção brasileira de **trigo** foi afetada pelo excesso de chuvas durante a fase final do ciclo das lavouras. Segundo o GCEA/PR, no Paraná, a estimativa da produção encontra-se 12,7% menor que em 2014, enquanto que em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, segundo os GCEAs desses estados, as perdas alcançam 42,9% e 16,7%, respectivamente.

A estimativa da produção de trigo do País em 2015, após contabilizados os efeitos do excesso de chuvas na região Sul, que concentra 89,8% da produção nacional é de 5,4 milhões de toneladas, redução de 13,4% frente ao ano anterior. A redução da área plantada em 2015 alcançou 12,7% frente a 2014, com a área colhida declinando 13,1% e o rendimento médio caindo 0,3%.

A estimativa da produção da **aveia** do País apresenta crescimento de 4,8%, em decorrência, principalmente do aumento da área de plantio no Rio Grande do Sul, que este ano cresceu 26,2% frente a 2014. A produção esperada do cereal para 2015 é de 453,0 mil toneladas.

Para a **cevada**, a queda da estimativa da produção em relação ao ano anterior foi de 26,4%, com o Paraná, principal produtor do País com participação de 71,0% no total nacional, reduzindo sua estimativa de produção para 2015 em 29,2%, segundo o GCEA/PR, e o Rio Grande do Sul informando perdas de 25,0%, segundo o GCEA/RS. Em Santa Catarina, houve aumento de 251,4% na área plantada com o cereal, contudo, o aumento da produção, em relação ao ano anterior, deve alcançar apenas 124,4%, em função, principalmente, do rendimento médio que apresenta queda de 24,1%. O excesso de chuvas prejudicou as lavouras, principalmente, em sua fase final de ciclo e colheita.

Quanto ao **triticale**, o aumento da estimativa de produção foi de 75,6% frente ao ano anterior, com São Paulo, principal produtor e responsável por 60,1% do total previsto a ser colhido, aumentando em 280,2% a área plantada e a área a ser colhida com esse cereal, segundo o GCEA/SP.

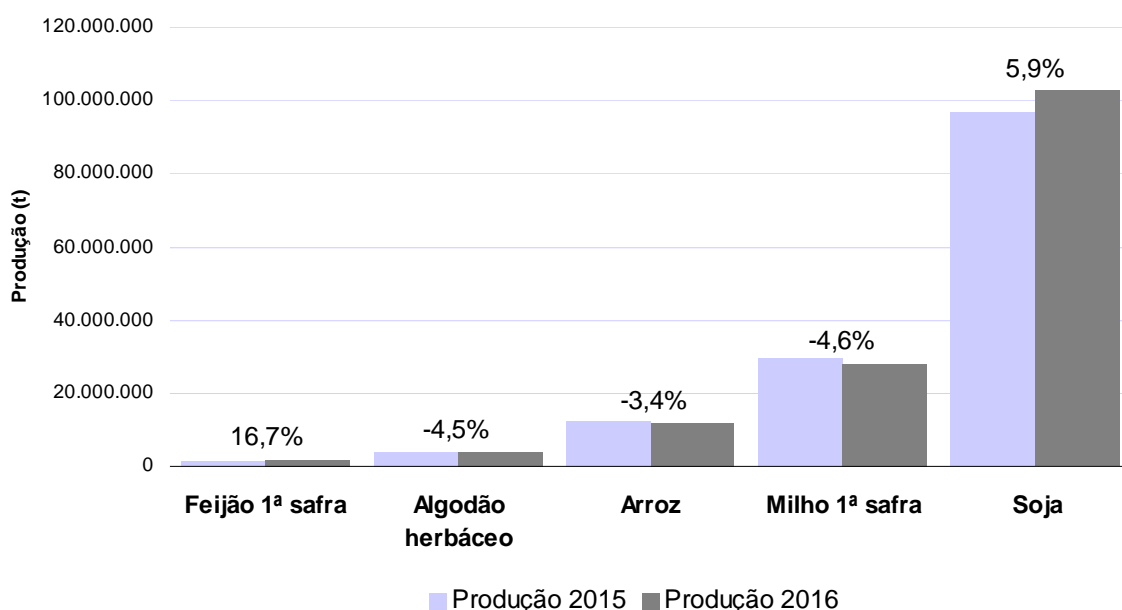
## 2 - Perspectivas para a safra de 2016

Em dezembro de 2015, o IBGE realizou o terceiro prognóstico de área e produção para a safra de 2016. Os estados que não realizaram o levantamento de campo neste 3º prognóstico, devido ao calendário agrícola, estão incluídos nas tabelas específicas dos produtos como “outras” Unidades da Federação. Os estados com levantamento de campo estão relacionados nominalmente nas tabelas.

Para a estimativa da produção nacional total em 2016, os números levantados nas regiões e estados onde a pesquisa foi realizada foram somados às projeções obtidas a partir das informações de anos anteriores, para as Unidades da Federação que ainda não dispõem das estimativas iniciais.

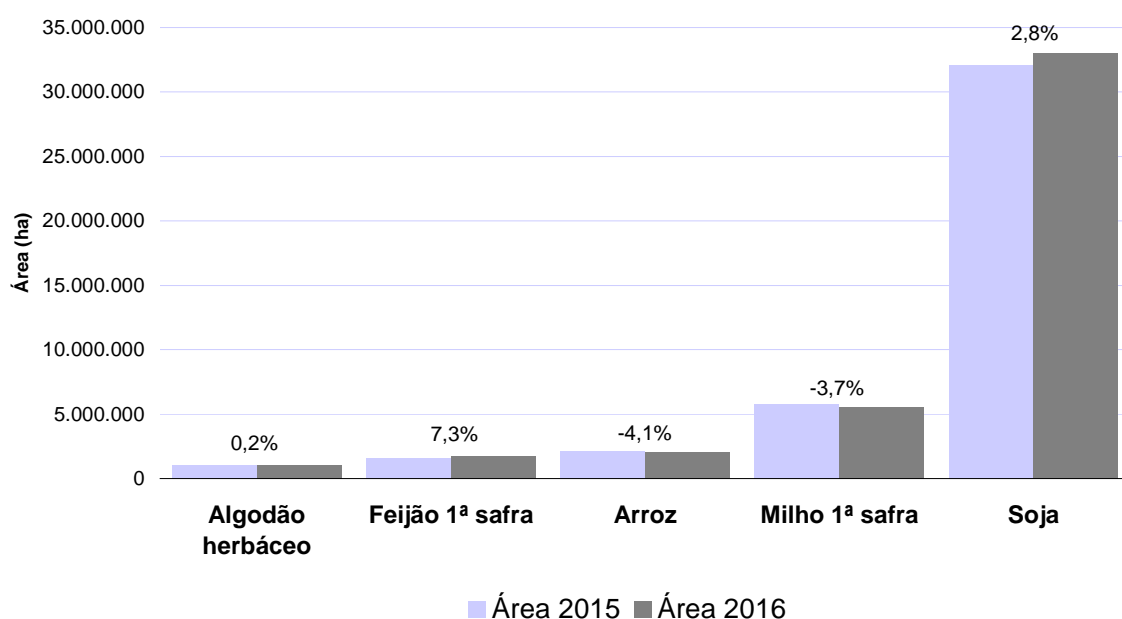
Dentre os oito produtos com prognósticos analisados para a próxima safra, cinco apresentaram variações positivas na produção em relação à produção obtida em 2015: amendoim (em casca) 1ª safra (33,5%), café (em grão) arábica (15,6%), café (em grão) canephora (3,3%), feijão (em grão) 1ª safra (16,7%) e soja (em grão) (5,9%). Apresentaram variação negativa: o algodão herbáceo (4,5%), o arroz (em casca) (3,4%) e o milho (em grão) 1ª safra (4,6%).

### Confronto entre produção obtida em 2015 e o prognóstico da produção para 2016, para as principais culturas temporárias de verão - Brasil.



Com relação à área a ser colhida em 2016 na comparação com a área colhida em 2015, apresentaram variação positiva o algodão herbáceo (0,2%), o amendoim 1ª safra (11,6%), o café arábica (2,7%), o feijão 1ª safra (7,3%) e a soja (2,8%), e apresentaram variação negativa o arroz (4,1%), o café canephora (3,2%) e o milho 1ª safra (3,7%).

### Confronto entre área colhida em 2015 e o prognóstico da área a ser colhida em 2016, para as principais culturas temporárias de verão - Brasil.



Neste terceiro prognóstico, a produção de **Cereais, Leguminosas e Oleaginosas** para 2016, foi estimada em 210,7 milhões de toneladas, 0,5% superior ao total obtido na safra colhida em 2015, maior 1,1 milhão de toneladas, acréscimo de 0,7% em relação ao prognóstico de novembro, portanto um indicativo de uma nova safra recorde para 2016.

Este acréscimo na estimativa de produção está relacionado à maior área que se espera colher na Região Nordeste (4,7%), Sudeste (1,2%) e Sul (0,8%), que apresentaram problemas climáticos em 2015 e determinaram perda de parte das áreas plantadas. A Região Centro-Oeste também apresenta acréscimo da área a ser colhida em 2016 (1,5%), mas decréscimo no volume da produção esperada em relação a 2015 (-1,6%), baseado em estimativas de produtividade menos satisfatórias que as ocorridas em 2015, notadamente para o milho em grão 2ª safra. A Região Norte estima uma menor área destinada a este grupo de produtos, redução de 2,6% frente a área colhida em 2015, com conseqüente redução da expectativa de produção na comparação ao ano anterior de 5,2%, influenciadas principalmente pelas culturas de milho e arroz.

Nos cálculos das projeções dos rendimentos apresentados para a safra 2016 foram utilizadas as médias dos resultados obtidos nos cinco últimos anos, eliminando-se os extremos. Como este prognóstico é realizado por levantamentos e projeções calculadas, vale registrar que as informações de campo representam 89,8% da produção nacional prevista, enquanto as projeções respondem por 10,2% do total agora estimado.

**PRODUÇÃO DE CEREAIS, LEGUMINOSAS E OLEAGINOSAS  
3º PROGNÓSTICO PARA 2016 - BRASIL**

<b>PRODUTOS AGRÍCOLAS</b>	<b>PROJEÇÃO</b>	<b>%</b>	<b>PROGNÓSTICO</b>	<b>%</b>	<b>TOTAL</b>	<b>Part. %</b>
ALGODÃO HERBÁCEO (caroço)	3.527	0,1	2.395.256	99,9	2.398.783	1,1
AMENDOIM (em casca) - 1ª safra	16.617	3,8	423.737	96,2	440.354	0,2
AMENDOIM (em casca) - 2ª safra	25.588	98,8	303	1,2	25.892	0,0
ARROZ (em casca)	73.394	0,6	11.819.981	99,4	11.893.375	5,6
AVEIA (em grão)	568.760	100,0	0	0,0	568.760	0,3
CENTEIO (em grão)	3.132	53,2	2.757	46,8	5.889	0,0
CEVADA (em grão)	299.508	100,0	0	0,0	299.508	0,1
FEIJÃO (em grão) - 1ª safra	814	0,1	1.564.821	99,9	1.565.635	0,7
FEIJÃO (em grão) - 2ª safra	526.898	40,2	784.730	59,8	1.311.628	0,6
FEIJÃO (em grão) - 3ª safra	249.300	66,6	125.076	33,4	374.377	0,2
GIRASSOL (em grão)	27.761	17,3	133.152	82,7	160.913	0,1
MAMONA	4.004	4,6	83.863	95,4	87.867	0,0
MILHO (em grão) - 1ª safra	39.236	0,1	28.072.590	99,9	28.111.826	13,3
MILHO (em grão) - 2ª safra	12.832.238	24,8	38.972.047	75,2	51.804.285	24,6
SOJA (em grão)	1	0,0	102.747.831	100,0	102.747.832	48,8
SORGO (em grão)	229.273	11,4	1.788.826	88,6	2.018.099	1,0
TRIGO (em grão)	6.719.374	98,7	90.440	1,3	6.809.814	3,2
TRITICALE (EM GRÃO)	61.832	100,0	0	0,0	61.832	0,0
<b>TOTAL</b>	<b>21.681.257</b>	<b>10,2</b>	<b>189.005.411</b>	<b>89,8</b>	<b>210.686.670</b>	<b>100,0</b>

NOTA: Para as Unidades da Federação que ainda não dispõem das estimativas iniciais, os dados correspondem à uma projeção obtida a partir das informações de anos anteriores.

FONTE: Grupo de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias - GCEA/IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação Agropecuária, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, dez/2015.

**ALGODÃO HERBÁCEO (em caroço)** - A expectativa de área plantada para a safra 2016 é de 1,1 milhão de hectares, valor estável com relação ao ano de 2015. Mesmo com área plantada praticamente inalterada, a estimativa de produção é 4,5% menor que o relatado no ano anterior. Este fato decorre da redução da estimativa do rendimento médio cuja previsão é 4,7% menor que o da safra anterior. Em valores absolutos, são esperados 3,9 milhões de toneladas de algodão, com rendimento médio de 3.726 kg/hectare

Mato Grosso e Bahia, estados responsáveis por 87,4% da produção nacional, trazem dados inalterados com relação ao prognóstico anterior. A estimativa já fornecida por Mato Grosso mostra elevação da área plantada para 611,6 mil hectares, 3,3% maior que na safra anterior, porém, com o atraso das chuvas de verão espera-se rendimento médio de 3.844 kg/hectare, 5,4% a menos que na safra de 2015. O GCEA/MT aguarda uma produção de 2,4 milhões de toneladas, queda de 2,3% comparado ao ano anterior.

Em 2015, o vazio sanitário mato-grossense foi alterado e passou a vigorar do dia 1º de outubro até 30 de novembro. O vazio sanitário se faz necessário para quebrar o ciclo de sobrevivência de pragas e doenças, com foco em especial no bicudo do algodoeiro. Neste período, o produtor deve garantir que nenhuma planta de algodão esteja viva e o não cumprimento dessa determinação pode resultar em multa. A maior permanência da cultura em campo ocorreu após atrasos nas chuvas que fizeram com que a safra tivesse janela de plantio nos meses de fevereiro/março e não janeiro/fevereiro como é de costume. Para o atraso no vazio sanitário foi levado em conta que no Estado a cultura entra em campo, majoritariamente, a partir da

segunda quinzena de dezembro, portanto a alteração não impactaria negativamente os cotonicultores durante a safra de 2016.

Na Bahia foi registrado atraso de chuvas, que impactou diretamente o plantio desta cultura no mês de dezembro. O atraso no plantio já havia sido contabilizado no rendimento médio apresentado pelo GCEA do estado que havia reduzido o mesmo em 4,9% passando a ser de 3.424 kg/hectare. As dificuldades climáticas, os altos custos para o plantio na safra 2016 e os bons preços oferecidos para a cultura da soja fizeram muitos produtores desistirem de investir no plantio do algodão. É esperada uma redução de área plantada em 4,2%. A estimativa de produção é de 1,1 milhão de toneladas, menor 8,9% que o registrado na safra de 2015.

O GCEA/GO trouxe novos dados para este prognóstico e as expectativas são positivas para o estado goiano no ano de 2016. Com 4,2% da estimativa de produção nacional, Goiás se classifica como o terceiro maior produtor do país. Espera-se para este estado 164,2 mil toneladas, 3,7% a mais que em 2015 e 11,8% a mais que o estimado no segundo prognóstico. A elevação da produção é resultado do acréscimo da expectativa de área plantada. São esperado 40,7 mil hectares plantados, maior 3,2% que em 2015 e 10,4% de acréscimo em relação ao prognóstico anterior.

**ARROZ (em casca)** - O terceiro prognóstico de produção para safra 2016 para o arroz em casca é de uma produção esperada de 11,9 milhões de toneladas, numa área plantada de 2,1 milhões de hectares, menores, respectivamente, em 2,9% e 9,2%, quando comparadas às informações de novembro. Já o rendimento médio de 5.781 kg/ha encontra-se 7,0% maior. Em relação a safra anterior a produção e a área plantada encontram-se menores, respectivamente, em 3,4% e 5,1% e o rendimento médio esperado maior 0,7%.

O Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, deve contribuir com cerca de 70,9% da produção desse cereal, ou 8.433.761 toneladas, numa área plantada de 1.087.023 hectares, menores, respectivamente, em 2,8% e 3,6%, quando comparadas as estimativas para 2015. Já o rendimento médio esperado de 7.759 kg/ha encontra-se 0,3% maior. As fortes chuvas ocorridas no estado causaram estragos como inundação de lavouras, principalmente nas áreas próximas dos rios, arroios e áreas plantadas em várzeas muito planas e extensas. O prejuízo poderá ainda ser maior, se as chuvas continuarem, podendo afetar também a qualidade do produto. Apesar das adversidades climáticas, a sanidade das lavouras ainda é boa, embora a pouca luminosidade possa comprometer o desenvolvimento vegetativo e favorecer o surgimento de doenças que deixam os produtores apreensivos em certas regiões do estado.

**CAFÉ (em grãos)** – Após dois anos consecutivos de problemas climáticos nas principais Unidades da Federação produtoras de café, clima excessivamente seco e quente em 2014 para São Paulo e Sul de Minas e, em 2015, pelas estiagens no Espírito Santo e no Cerrado Mineiro, a produção de café do País deve recuperar-se em parte e fechar 2016 com crescimento de 12,5% frente ao ano anterior. Ao todo, o País deve colher uma safra de 2.984.433 toneladas, ou 49,7 milhões de sacas de 60 kg.

A estimativa da produção para 2016, neste primeiro prognóstico do **café arábica**, realizado em dezembro de 2015, alcançou 2.300.186 toneladas, ou 38,3 milhões de sacas de 60 kg, aumento de 15,6% em relação a 2015, com destaque para o rendimento médio, que apresenta crescimento de 12,5%. Um final de 2015 mais chuvoso, nas principais regiões produtoras de Minas Gerais e São Paulo, e uma previsão de maiores investimentos em tratamentos culturais nas lavouras, em função da cotação do produto, que se encontra em torno de R\$ 500,00 a saca de 60 kg, segundo o CEPEA/SP, justificam a presente estimativa.

Em Minas Gerais, principal produtor do País, o crescimento da produção alcança 21,4%, com a recuperação das lavouras do Cerrado Mineiro. O Estado deve colher 1.609.256 toneladas em 2016, ou 26,8 milhões de sacas de 60 kg. O rendimento médio, de 1.572 kg/ha, aponta um crescimento de 16,3%.

Em São Paulo e no Espírito Santo, o crescimento da produção em 2016 deve alcançar 6,9% e 21,2%, respectivamente. Em 2015, esses estados responderam por 21,1% do total produzido desse tipo de café pelo País.

Para Bahia e Paraná, a previsão é de queda na estimativa da produção em relação a 2015. Na Bahia, a previsão é de uma colheita de 116.700 toneladas, queda de 9,4%, enquanto no Paraná, a produção esperada é de 62.942 toneladas, queda de 14,9%.

Para o **café canephora**, a estimativa da produção para 2016 alcança 684.247 toneladas, ou 11,4 milhões de sacas de 60 kg, aumento de 3,3% em relação a 2015. A estimativa da área plantada apresenta queda de 15,7%, enquanto o rendimento médio aumenta em 6,7%.

A recuperação da produção é mais forte no Espírito Santo, principal produtor desse tipo de café, que em 2015 sofreu com estiagens em diversos municípios produtores. Apesar da queda de 19,0% na área plantada, o rendimento médio deve aumentar 12,6%, alcançando 1.747 kg/ha.

O IBGE informa que esta é a primeira estimativa de produção de café do País para 2016, sendo realizada em função das avaliações do nível de cargas da floração e dos "chumbinhos" das lavouras nos diversos municípios produtores do País. Os levantamentos são realizados municipalmente, principalmente, através das reuniões das Comissões de Estatísticas Agropecuárias, com a participação de técnicos, representantes dos produtores, cooperativas e Órgãos ligados à agropecuária dos estados. Como a materialização dessa produção fundamenta-se, principalmente, no comportamento do clima nas principais regiões produtoras do País, as estimativas mensais a serem elaboradas são passíveis de alterações nos próximos meses, quando então, são agregadas novas informações de campo.

**FEIJÃO 1ª SAFRA (em grãos)** - Para a safra de 2016, é esperado 1,6 milhão de toneladas de feijão. Este valor supera a safra 2015 em 16,7%. A melhora na expectativa advém da melhora no rendimento médio nacional que é 8,7% superior ao ano anterior, bem como na maior área a ser colhida (7,3%).

O Estado do Paraná se mantém como o principal produtor nacional da primeira safra de feijão. A estimativa de produção paranaense é de 325,8 mil toneladas, valor inferior em 1,9% quando comparado com

2015 e 3,1% menor quando comparado com o prognóstico anterior. O GCEA/PR informou que os preços encontrados no mercado no mês de dezembro variaram de R\$100,00 a R\$130,00 a saca de 60 quilos do feijão preto e de R\$130,00 a R\$180,00 a saca do feijão de cor e carioca.

O Estado do Ceará, após apresentar estimativa de produção de 226,4 mil toneladas, subiu para o segundo lugar entre os maiores produtores nacionais. A alta da produção é resultado da expectativa de melhora do quadro chuvoso no estado, favorecendo assim o rendimento médio que passa de 158 kg/hectare para 505 kg/hectare.

O Estado de Minas Gerais permanece como o terceiro maior produtor nacional. Estima-se que serão produzidos 200,7 mil toneladas de feijão na primeira safra. O atraso nas chuvas, elevação dos custos da cultura, especialmente no que se refere ao combate à mosca branca e a concorrência com culturas mais rentáveis, tais como soja e milho fizeram com que a área mineira de feijão decrescesse em 5,4%. Mesmo com o atraso das chuvas espera-se que o clima para a safra 2016 seja mais estável que o observado no ano anterior e conseqüentemente, eleve o rendimento médio em 20,9% passando a ser 1.340 kg/hectare.

**MILHO 1ª SAFRA (em grão)** – O atual prognóstico trás mais um decréscimo na produção de milho primeira safra. Esta queda de produção é consequência da valorização da soja, concorrente direto por área. São esperadas para esta primeira safra 28,1 milhões de toneladas, 4,6% menor que o obtido em 2015 e 2,4% menor que a estimativa do prognóstico anterior. A área plantada sofreu contração de 7,4% quando comparado com 2015 e de 2,0% quando comparado aos dados do segundo prognóstico.

O GCEA/MG trouxe informações que devem sustentar esse estado como o principal produtor de milho verão do País, com a produção de 18,2% do total nacional. Estima-se nesta safra a produção de 5,1 milhões de toneladas de milho, queda de 6,0% ao obtido em 2015 e redução de 2,1% frente a estimativa anterior. A redução na produção é resultado da redução de 15,9% na área plantada em relação a 2015, sendo esta também 0,6% menor que a estimativa de novembro. O rendimento médio esperado é de 5.925 kg/ha, equivalentes a 98,8 sacas de 60 kg por hectare. Este rendimento médio é 5,1% maior que o obtido em 2015, sendo calculado, principalmente, em função da boa disponibilidade de chuvas nas principais regiões produtoras, nesta segunda avaliação de campo.

Os Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná já contabilizam em seus rendimentos médios os excessos de chuvas observados no último trimestre de 2015. O GCEA/RS estima rendimento médio de 6.409 kg/hectare, enquanto o GCEA/PR estima 8.601 kg/hectare, menores, respectivamente, 1,8% e 0,5% quando comparado com 2015. A produção de milho em ambos os estados também sofreu a influência negativa da redução de área plantada. É esperado que o estado gaúcho reduza a sua área em 12,9% e o estado paranaense em 20,9%. A consequência das reduções observadas anteriormente é a diminuição da produção em 14,6% no Rio Grande do Sul e em 21,3% no Paraná, quando comparado com 2015. São estimadas produções de 4,8 milhões de toneladas no Rio Grande do Sul e 3,7 milhões de toneladas no Paraná.



**SOJA (em grão)** - Novo recorde de produção de soja para 2016 é apontado neste terceiro prognóstico. A produção estimada de 102,7 milhões de toneladas supera a produção de 2015 em 5,9%. Esta alta na produção é resultado da valorização da saca de soja no mercado interno. Apesar dos preços internacionais da soja estarem em declínio, a alta valorização do dólar frente ao real faz com que os preços internos estejam no patamar médio nacional dos R\$70,20 a saca de 60 quilos, segundo informa o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/SP).

O Mato Grosso se mantém como líder nacional na produção da leguminosa. Com expectativa de área de 9,2 milhões de hectares e de rendimento médio em 3.106 kg/ha, estima-se que a produção mato-grossense seja de 28,5 milhões de toneladas, 2,5% maior que o obtido em 2015.

A soja de Mato Grosso já se encontra no campo. A preocupação no momento é com relação ao clima que se mantém instável. A expectativa é que o clima se normalize durante os meses de janeiro e fevereiro, período de enchimento dos grãos e fase decisiva para uma boa produtividade.

Paraná trouxe estimativa de produção de 18,3 milhões de toneladas, maior 6,7% quando comparado ao ano de 2015. As lavouras de soja também já se encontram plantadas e segundo GCEA/PR apresentam bom aspecto. Os estágios de desenvolvimento predominantes são de desenvolvimento vegetativo (35%), floração (40%) e frutificação (25%).

O GCEA/RS apresentou para o Rio Grande do Sul estimativa de produção de 16,2 milhões de toneladas, maior 3,4% quando comparado com 2015. A estimativa de área plantada de 5,5 milhões de hectares supera em 3,9% a área de 2015. Os excessos de chuvas estão sendo contabilizados no rendimento médio e espera-se uma leve queda de 0,5%, totalizando 2.967 kg/hectare.

Atualizado em 12/01/2016 às 09:00 horas.